

Um crítico na periferia do capitalismo – Reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz

Maria Elisa Cevasco e Milton Ohata (org.)
São Paulo, Companhia das Letras, 2007, 402 p.

ANDRÉ BUENO¹

Na época em que vivemos, um dos efeitos do capitalismo mundializado é a ruptura com o trabalho e a experiência das gerações anteriores, tornando como que passado remoto a história recente de umas poucas décadas. Não poderia ser diferente no caso do Brasil, sempre a reboque do influxo externo e dependente de um jogo de forças que vai muito além das fronteiras nacionais. Colocada na defensiva pela força adversa das circunstâncias negativas, a tradição crítica marxista brasileira se defronta com um conjunto de problemas difíceis, que dão a forma e o sentido dos maus tempos presentes que se precisa enfrentar para manter viva a força e o interesse da crítica marxista do capitalismo.

Nesse sentido, *Um crítico na periferia do capitalismo – Reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*, livro organizado por Maria Elisa Cevasco e Milton Ohata, traz para o debate referências atuais e relevantes, que estão na contracorrente do consenso que tenta empurrar todo o pensamento e toda a prática para uma mera adesão pragmática ao capitalismo, na forma de uma gerência responsável dos negócios, do mercado e da reprodução do próprio sistema, na sua dimensão ao mesmo tempo local e mundial. Ao contrário da fragmentação, do isolamento e da dispersão que resultam da expansão veloz e voraz do capitalismo em nossa época, a obra de Roberto Schwarz representa bem uma tradição crítica de esquerda

¹ Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

que valoriza a *acumulação crítica como trabalho coletivo*, que precisa passar de uma a outra geração, dando seqüência ao esforço de reconhecer linhas de força, identificar e configurar problemas, abrindo espaço para análises de cunho propriamente materialista e dialético. Sem fazer alarde, ao fundo está sempre presente o horizonte de uma cultura socialista e democrática, na qual o conhecimento e a cultura não sejam apenas privilégio de classe.

Como se sabe, Roberto Schwarz teve como mentor Anatol Rosenfeld, foi discípulo de Antonio Candido, começou sua formação no final da década de 1950, participou, ainda bem jovem, do grupo de professores da USP que se dedicou a estudar Marx e *O capital* a partir do Brasil, depois se exilando em Paris, onde escreveu sua tese de doutorado, primeira parte de seu estudo sobre Machado de Assis, que está no livro *Ao vencedor as batatas – Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. A segunda parte viria em 1990, no livro *Um mestre na periferia do capitalismo – Machado de Assis*, que traz no título uma clara alusão ao livro de Walter Benjamin, *Um lírico no auge do capitalismo – Charles Baudelaire*. Herdeiro ao mesmo tempo de uma tradição crítica brasileira e da tradição do marxismo ocidental, Roberto Schwarz fez do ensaio a forma principal de seus estudos, permitindo uma notável variedade de ângulos inusitados e abordagens inesperadas, trazida à tona de modo heterodoxo, irreverente, rigoroso e exigente. O que já se podia ler nos ensaios reunidos em seus dois primeiros livros, *A sereia e o desconfiado* e *O pai de família e outros estudos*, que se continuou lendo em *Que horas são?*, em meados da década de 1980, e que se continuou lendo, na segunda parte da década seguinte, em seus dois livros mais recentes, *Seqüências brasileiras* e *Dois meninas*.

De modo resumido, é possível dizer que Roberto Schwarz levou longe e fundo a posição de Walter Benjamin, para quem o crítico marxista deveria ser um estrategista, tomando partido e sabendo resgatar a tradição do conformismo, criando uma contracorrente que escapa, ao mesmo tempo, do dogmatismo estéril e da adesão ao mundo injusto e violento que o capitalismo cria e recria. Sem forçar a mão, também é possível dizer que Roberto Schwarz mirou alto e acertou longe. Como crítico literário, tomou partido na disputa das interpretações, centrando seu foco analítico em Machado de Assis, principal escritor brasileiro. Ou seja, continuando a partir do ponto em que Antonio Candido parou a *Formação da literatura brasileira – Momentos decisivos*. Mais que isso, tomou partido nas disputas pelo sentido da formação do Brasil, e seu lugar no sistema capitalista, expondo com rigor os ângulos negativos do nexos colonial-escravista e a passagem para o mundo urbano da sociedade de classes, com seu nexos industrial e comercial. Crítico rigoroso da mitologia do progresso, Roberto Schwarz pensa essa formação como *reprodução moderna do atraso*, tirando dessa posição conseqüências de grande alcance para entender e pensar a *modernização à brasileira do capitalismo*. Firmada a posição a contrapelo, também se nota no crítico marxista um esforço constante para refutar as interpretações otimistas, cordiais, amenas, simpáticas e

informais do Brasil, já que esvaziam, ou atenuam, a dureza e a violência efetiva do capitalismo na vida cotidiana dos trabalhadores pobres, assim como os efeitos regressivos e desagregadores para o conjunto da vida social.

Percebendo desde cedo qual seria seu trabalho, Roberto Schwarz resgata Machado de Assis de uma longa tradição conformista, que continua em nossa época, ao mesmo tempo que definia o lugar e as tarefas de um crítico marxista na periferia do capitalismo, fazendo da análise dialética de forma literária e processo social, sempre detida e muito específica, sua pedra de toque e força principal. Por essa linha o crítico soube combinar, de modo original e avançado, ficando nos exemplos mais salientes, as lições de Adorno – sobre o sentido objetivo, ao mesmo tempo estético e social, da forma; de Lukács – sobre a formação do realismo na Europa; de Auerbach – sobre as conquistas modernas do realismo; de Benjamin – sobre o modo estereoscópico de olhar uma constelação crítica; sem esquecer de Antonio Candido – sobre a formação do romance no Brasil e o modo detido de fazer crítica literária.

Nessa altura, o leitor pode imaginar que o resenhista perdeu de vista seu assunto, o livro *Um crítico na periferia do capitalismo – Reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*, trabalho bem organizado por Maria Elisa Cevalco e Milton Ohata. Não é o caso. As considerações feitas acima encontram eco e ressonância no conjunto de depoimentos e análises que compõem o livro. Vale dizer, a *acumulação crítica como trabalho coletivo* encontra no livro uma variedade de ângulos e abordagens que mostram bem o alcance e a importância do crítico, assim como a relevância dos problemas percebidos e configurados em seus ensaios. O que dá bem a medida de um diálogo aberto, crítico no sentido forte, que por certo não autoriza a homenagem a Roberto Schwarz como um exercício laudatório, que faria do crítico marxista na periferia do capitalismo apenas mais um medalhão, um figurão das letras brasileiras, não mais que a detestável figura do varão sabedor, bem pensante e bem situado, integrado, sem arestas e sem veneno, ao conformismo à brasileira.

O livro se divide em três partes. A primeira se dedica à *Análise da obra*. A segunda, às *Questões em comum*. A terceira vem na forma de alguns *Depoimentos*. Ao todo, um volume que chega às quatrocentas páginas. Que se lê com prazer e proveito, como que acompanhando um diálogo vivo e criativo entre diferentes gerações. A começar pela abertura, feita por Antonio Candido por ocasião do seminário dedicado a Roberto Schwarz, que se realizou na USP em agosto de 2004, e do qual resulta, em parte, o livro *Um crítico na periferia do capitalismo*. Desde logo, considerado o conjunto do livro, o que se nota é a abrangência das análises, apresentadas ao leitor por estudiosos dos mais diferentes campos de pesquisa: literatura, cultura, arte, economia, filosofia, história, sociologia, cinema, teatro, arquitetura, psicanálise. O que é sinal seguro da força, muito precisa e refletida, dos ensaios de Roberto Schwarz, daí derivando o alcance dos problemas que analisa, ou percebe e configura, como uma espécie de sugestão para novos

estudos e novas pesquisas. Ou seja, deixando aberto o caminho, dentro e fora do Brasil, para a continuidade de uma tradição crítica acumulada, como trabalho coletivo passando de geração a geração. O que também dá uma medida do que há de generoso e aberto na obra do crítico.

O leitor dos depoimentos e análises reunidos em *Um crítico na periferia do capitalismo* saberá avaliar o alcance do diálogo crítico em questão, aberto em várias direções e pensado a partir de diferentes ângulos, e que a seguir é resumido. A difícil recepção de Roberto Schwarz nos Estados Unidos, ou a recepção de Adorno no Brasil, analisadas por Neil Larsen e Silvia L. Lopez. Os pressupostos da forma-ensaio como herança e método analítico, que se lê nos textos de Leopoldo Waizbord, Jorge de Almeida e Sérgio Miceli. A formação de Roberto Schwarz, voltada “para o uso do próximo”, que é apresentada por Francisco Alambert. A busca do narrador no jovem Schwarz que é feita por Luis Augusto Fischer, marcando uma divergência com o homenageado no que diz respeito à literatura rural e regional. A posição complexa, moderna, nacional e negativa desenvolvida pelo crítico ressaltada por Modesto Carone. Ailton Paschoa indagando por que Roberto Schwarz não escolheu ser escritor, embora tenha trabalhado a forma-ensaio no nível de um verdadeiro escritor, como se sabe. A relação de Roberto Schwarz com seu mentor Anatol Rosenfeld, a cargo de Priscila Figueiredo, que reúne as pontas de uma experiência ao mesmo tempo de imigração, intelectual, pessoal e de geração. Seguido pelo da escritora Zulmira Ribeiro Tavares, *Com Roberto Schwarz depois do telejornal*, lembrando a fundo o inconformismo do crítico, trazendo à lembrança o livro de poemas *Corações veteranos*.

Nas *Questões em comum*, Francisco de Oliveira situa o crítico na periferia do capitalismo e suas reflexões sobre o final de século XX como ponto de apoio para a pesquisa. Sem tratar diretamente da obra de Roberto Schwarz, comparecem análises de Robert Kurz e Dolf Oehler, ambos marxistas alemães, apresentados ao leitor brasileiro por Roberto Schwarz. Na seqüência, um conjunto de análises, muito interessante e sugestivo, em que o diálogo se dá através do teatro – Iná Camargo Costa analisando Brecht “no cativeiro das forças produtivas”; das artes plásticas – Rodrigo Naves, ao mesmo tempo concordando e discordando de Roberto Schwarz; do cinema – Ismail Xavier retomando e realçando o ensaio *O menino e a indústria*, escrito por Schwarz no começo de seu trabalho, dedicado ao 8/5 de Fellini; Ana Paula Pacheco abordando Graciliano Ramos e a desordem; e da arquitetura – análise a cargo de Pedro Fiori Arantes, tendo como fio condutor Sérgio Ferro e as considerações de Roberto Schwarz. Mais adiante, pela via da psicanálise, uma aproximação inesperada, de Tales Ab’Saber, relacionando Machado e Freud, tendo as análises do crítico na periferia do capitalismo como ponto de apoio e mediação. Fechando a segunda parte, o crítico Nicholas Brown retoma a cultura brasileira dos anos 1960, sobretudo o Tropicalismo, relacionando o assunto à cultura pós-moderna e à “subsunção real do trabalho”.

Os depoimentos presentes na terceira parte de *Um crítico na periferia do capitalismo* combinam a memória, a amizade, os acordos e os desacordos, dando uma boa medida, como a maior parte do livro, da acumulação crítica que se deu numa universidade pública brasileira, a de São Paulo. É o que se percebe, outra vez, lendo os depoimentos de Fernando Novais, José Arthur Giannotti, Paul Singer, Fernando Henrique Cardoso, Michael Löwy e Bento Prado Jr. Os três últimos depoimentos, de Vilma Areas, Francisco Alvim e José Almino, aos quais se poderia juntar o de Zulmira Ribeiro Tavares, apresentam a nota pessoal somada ao ângulo da criação literária, por onde Roberto Schwarz poderia ter seguido, fosse outra sua escolha. Juntando as pontas do presente e do passado, sem tom de análise acadêmica, esses textos montam uma figura forte, carregada de sutilezas e dissonâncias, ao mesmo tempo líricas e críticas. Fazendo justiça ao trabalho e à pessoa de Roberto Schwarz.

Tudo posto, o leitor ficará com a impressão de que há um total acordo em relação às posições do crítico marxista na periferia do capitalismo. Também não é o caso. Quem acompanha o debate desses assuntos no Brasil há de lembrar as várias divergências e desacordos, indicando um debate crítico de longo alcance que fica apenas indicado. A começar pela noção de idéias *fora do lugar* e a relação entre escravismo e liberalismo no Brasil, já desde a década de 1970 muito debatida e contestada, a começar por Maria Sylvia de Carvalho Franco, que estudou os homens livres na ordem escravocrata, e chegando a nossos dias, por exemplos em análises de Alfredo Bosi. Seguindo com críticas, repetidas vezes, aos limites da própria crítica marxista da literatura, que reduziria o alcance do sentido desse tipo de arte, por exemplo, ao fixar tipos sociais característicos ao modo de Lukács. Mais recentes são as críticas à relação entre *centro e periferia do capitalismo*, que, num passe de mágica, não mais existiriam, agora por conta das correntes pós-estruturalistas e pós-modernistas. Chegando ao âmbito do próprio livro *Um crítico na periferia do capitalismo*, também há divergências e desacordos. Talvez seja o caso de lembrar que Antonio Candido tem um espírito crítico dialético muito acentuado, e um senso apurado das mediações que relacionam literatura e sociedade. Ou seja, ora se aproxima, ora se afasta da tradição marxista, fazendo crítica literária de primeira linha. Por razões que não caberia aqui indagar, apenas notar que tenha contado na formação do nosso principal crítico literário o peso do materialismo ortodoxo, assim como uma desconfiança diante do marxismo como sistema capaz de explicar tudo. Em seu depoimento, José Arthur Giannotti discorda do próprio modelo crítico marxista de Roberto Schwarz, considerando que a obra de arte é mais que sua posição específica no sistema de produção e das relações de classe, podendo ser *exploração de mundos possíveis*, colocando o pintor e o escritor na posição de *inventores de um novo mundo*. Também Rodrigo Naves, embora no geral concordando com o modelo crítico de Roberto Schwarz, faz uma ressalva e marca uma divergência, ao se perguntar se a *dimensão explicativa e reveladora da arte em relação à realidade*

não deixaria de lado, ou colocaria em segundo plano, uma certa *dimensão prospectiva da arte*.

No texto de Sérgio Miceli, a análise de Roberto Schwarz da cultura brasileira na década de 1960, sobretudo no período 1964-1969, também é motivo para discordâncias quanto ao sentido da conjunção de arcaico e moderno no Tropicalismo e suas alegorias, ficando indicados dois pontos: que o crítico marxista temia que a combinação alegórica fosse *o prenúncio maquiado de uma contra-revolução fascista*, e que o ensaio se ressentiria de *aplicar duas medidas de coerência respectivamente ao Tropicalismo e à estética revolucionária*. Por fim, é o próprio Roberto Schwarz quem registra a desconfiança de Anatol Rosenfeld em relação ao marxismo e à psicanálise, lembrada e citada no texto de Priscila Figueiredo, por neles suspeitar o viés reducionista e dogmático. Onde Rosenfeld esperava uma *relativa folga subjetiva*, por certo Schwarz notava *ideologia*, embora concordasse que *de fato há qualquer coisa desproporcionada e antipoética – além de estéril e despótica – em invocar a todo momento o complexo de Édipo e a sociedade de classes para explicar a graça de um livro*. Riscos que o crítico marxista na periferia do capitalismo soube evitar, elaborando uma noção de forma estética muito modulada e precisa, com variações originais e constantes dissonâncias, sem perder de vista o sentido social da arte e da literatura. Ao modo de um enxadrista com uma aguda percepção estratégica das posições em jogo e das pedras no caminho, sabendo trazer a força do adversário para seu campo, a saber, o da crítica marxista heterodoxa.

BUENO, André. Comentário de: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton (org.). Um crítico na periferia do capitalismo – Reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, 402 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.27, 2008, p.157-162.

Palavras-chave: Robert Schwarz; Capitalismo; Periferia; Modernização; Literatura